

Reminiscência da família Mariano de Oliveira - Alvaro Machado

O artigo do sr. Mário Leão nas *Colunas de Atualidades e Livros*, contando os meus irmãos Bernardo e Oliveira, trouxe-me lembranças de Oliveira, tencionei começares esse meu elenco com a escrever es-
se que é que o velho sobre o casal
de Oliveira e Oliveira e os seus filhos

No auto José Mariano de Oliveira casou-se no ano de 1843 com Joana Rita Ribeiro de Melo, dona de *Quintal*, parente do sr. operador José Mendonça e da esposa do professor Oscar Costa. Mas em vez de ir restar ao Tribunal, como se tem dito, só se estabeleceu em Rio Mauá no sogro, Ribeiro de Mendonça, que era no tempo um grande lavrador e, portanto, possuidor de um grande número de escravos.

De depois de terem nascido ali os três primeiros filhos — Joaquim, João e José e que ele se transferiu para o Palmital, onde se estabeleceu com negócios de serviços e molhados, fazendas, armazéns e outros artigos.

Foi creio que seu primeiro empreendimento meu pai, José Miquilino de Amorim Machado, que com ele esteve durante seis anos e que me contou todo o ocorrido de que puderam por a par os leitores.

Ainda de sua casa comercial, José Mariano tinha engenho de café e até 1867 foi ele na região e comerciante mais importante, e sempre um dos homens de maior reputação no município de Saquarema, embora afastado de suas políticas.

Antes mesmo de seus filhos chearem a época escolar, sua esposa sempre advertia ao marido da imprescindível necessidade de obter no Rio de Janeiro um professor para os três primeiros filhos do casal, dada a distância da sede, onde havia escola pública.

Em 1863, José Mariano contrata o professor Gabriel Bernardo Prevot, de nacionalidade francesa, que se instalou em Palmital, onde encetou o ensino das primeiras letras, não só aos três filhos do casal acima referidos, como aos filhos de alguns fazendeiros da localidade.

O professor era de um rigor a toda prova, e posso informar, pela boca de meu pai e do primo-pinto da família, que nas aulas de francês o mestre não consentia que os alunos usassem c'e sua língua para o menor entendimento.

Prevot ficou com José Mariano de Oliveira creio que por mais de 4 anos, até que os seus 3 filhos mais velhos completaram o curso primário, seguindo eles depois para o Rio, onde foram matriculados no colégio São Benito, hospedando-se, porém, nas próprias casas onde seu pai fazia suas transações comerciais.

Alberto, que nasceu em 1857 e que era o quarto filho varão, creio, não chegou a receber as primeiras lições desse professor.

Depois veio a guerra do Paraguai, crises apareceram que adianta seriam conhecidas, e José Mariano de Oliveira começou então a encontrar os primeiros obstáculos, que lhe não permitiram mais contratar professor particular para os seus filhos.

A crise aumentou cada vez mais, periclitando a situação comercial de José Mariano, por motivos de ordem geral e também pelo grande dispêndio que ele fazia com a educação dos filhos, pois a esse tempo ainda mantinha no Rio os três filhos mais velhos fazendo o curso secundário.

Em setembro de 1867 (estou aqui com os autos ao meu lado) a firma comercial de Augusto de Paiva Nogueira, da cidade do Rio de Janeiro, constituiu seu advogado o dr. Antônio Joaquim de Macedo Soares — o conselheiro Macedo Soares — que requereu a falência de José Mariano, que foi decretada pelo então juiz Municipal de Saquarema — dr. Francisco de Paula Marinho.

Foi nomeado Curador à massa

falida o próprio Macedo Soares, que procurou à arrecadação dos bens, arrrolou testemunhas, requereu exame pericial na escrita do falido e formulou quesitos.

José Mariano de Oliveira entregou todos os bens de seu estabelecimento comercial, objetos de seu uso particular e da esposa, como sejam "seu relógio de pau dourada", camas usadas, roupas, panelas, garras, facas, cutelhos, assucarachos, e até os bancos da escola existente. Uma Caixa de banho, de ferro batido, que servia à família. José Mariano entregou-a dizendo: "Incluem também esta bacia, pode dar alguma coisa", o que foi recusado.

Ele procedeu como o Barão de Mauá, que disse na sua falência: "Olhem, incluem também estes óculos, os arcos são de ouro e podem dar alguma coisa".

Abriu-se as devassas na vida comercial de José Mariano de Oliveira, cumpriram-se diligências, depuseram testemunhas. Indicou os autos a Macedo Soares para dizer das causas da falência, com justiça, porém de maneira energética, deu-lhe o parecer seguinte: "O exame dos livros, comprovando por um lado a veracidade do que alegamos na petição de fls. 2, isto é, o mau estado dos negócios comerciais do falido, revelou por outro a justiça do bom conceito em que este é tido como negociante da mais encrustedada probidade. E essa justiça, também lha fizemos nós; mas não cumpriríamos o nosso dever se deixassemos de dizer a verdade inteira acerca das causas desta falência. O falido não provou que houvesse empregado toda a diligência, a diligência de quem negocia com capitais alheios, em compelir os seus devedores ao pagamento a tempo e a hora. Parece mesmo que ele, pela sua bonhomia, atestada pelas testemunhas todas que juraram neste processo, não tinha a energia suficiente para deixar de vender a crédito a muita gente que o não acharia em casa de negociação mais avisado. Basta ver que neste ativo de 40 contos de réis, quase metade é consistente em dívidas, das quais só uma garantida com hipoteca (fls. 59); e mais da quarta parte em dívidas perdidas ou quase. Bem saimos que o Cod. Com. não carrega em culpa o negociante a ser antes bom de mais do que malicioso. Isto é, desconfiado em justos limites; mas a consideração que acalamos de fazer não perde o seu valor moral, e servirá talvez de salutar aviso ao falido quando por ventura tenha de prosseguir um dia, na sua profissão.

Do exame dos livros foram verificados prejuízos na importância de 6.212.000 (resposta ao 2º quesito do Curador Fiscal) provenientes de casos fortuitos, e de cerca de 4 contos de réis provenientes de dívidas perdidas por insolvabilidade de devedores ao falido (res. ao primeiro quesito deste). Mas há uma ordem de prejuízos que não constam dos livros, mas constam da inquirição de testemunhas como coisa pública e notória: é a escassez das colheitadas, a qual tornou ruins algumas devedores que antes davam esperança de solvabilidade; o mesmo fez com que o falido deixasse de auferir certos lucros que seriam outros tantos juros dos capitais alheios que lhe foram conferidos.

O falido foi depositário particular de uma quantia recebida por ordem dos credores de Antônio José Ferreira de Mendonça, que quis ele era um. Não tendo aparecido em caixa esse dinheiro, chamei para este fato a atenção dos peritos (4º quesito dos fls. 116), e com eles pude verificar o destino que teve. Saiu da calix para o poder de Felicíssimo Duarte dos Santos Silva, também credor de Mendonça, e que com o falido fazia parte de uma comunhão dos credores deste para quem recebendo os dividendos que se fossem apurando.

Da instrução da parte criminal da falência, não consta que para ela ou com ela, concorresse ne-

nhum das circunstâncias dos arts. 800 e 802 do Cod. Com., e nem do art. 801, com a só exceção do 212. Mas ao fato, só por si, de se não apresentar o falido no prazo fixado pelo art. 805, não ligo a mínima importância desde que provado não esteja dos autos que se deseja culpa ou fraude não previstas nos arts. 800 e 802.

Demais, a explicação dada pelo falido na sua defesa escrita fls. 135, é satisfatória e, portanto, atendível em juízo; tanto mais que se corroborava com o que consta da inquirição, e do exame da caratula.

Concluindo: Causas naturais, muitas sabidas do comércio e da lavoura, por um lado; prejuízos provenientes de casos fortuitos e imprevistos, por outro; e também a meu ver, em sua quinta parte a bonhomia do falido para com os seus devedores; tal me parecem que são as causas desta falência, que, pois, deve ser julgada casual; salvo melhor juizo dos dignos julgadores. O Curador Fiscal, Antônio Joaquim de Macedo Soares. E José Mariano cumpriu rigorosamente o acordo feito com os seus credores e homologado por sentença, rehabilitou-se dentro em pouco perante a praça, abandonando definitivamente a vida comercial e dedicando-se ao serviço de construtor na mesma localidade.

Em 13 de fevereiro de 1874, José Mariano vendeu sua propriedade do Palmital, a Firmo da Costa Nunes, onde do respectivo título constam o engenho de café e ventilador, referidos pelo filho Alberto nas suas poesias dedicadas à terra natal.

Nessa intercorrência de fatos é que ele mandou para a escola de Saquarema, que dista mais de 15 quilômetros, Alberto, Bernardo, Mariano e outros, estudar com o professor Eduardo de Almeida, os quais se hospedavam na casa de seu compadre e amigo, o solicitador Couto.

Todas as semanas o irmão mais velho, Joaquim, os levava às se-
gundas-feiras e buscar aos sábados, fazendo esse serviço a ca-
valho.

Em 1878 José Mariano mudou-se para Itaboraí, nascendo ali a última filha do casal, Dona Adélia Mariano de Oliveira.

Em 1880 está, com toda família em Niterói, reconstruindo logo de início o teatro municipal e construindo diversos prédios, dentre os quais um, na Alameda de São Boaventura, por determinação de Francisco de Oliveira Viana, pai do escritor Oliveira Viana.

Em 1880 está, com toda famí-
lia em Niterói, reconstruindo logo de início o teatro municipal e

e construindo diversos prédios, den-
tre os quais um, na Alameda de

São Boaventura, por determina-
ção de Francisco de Oliveira Viana,

pai do escritor Oliveira Viana, onde este reside atualmente.

Em poucos anos depois falecia José Mariano de Oliveira, deixando muitos de seus filhos professo-
res públicos, funcionários pú-
blicos e até engenheiro civil, fi-
cando sua esposa — Dona Ana Mariano de Oliveira — cercada

do estima e do respeito de seus filhos.

Em 1893 Joaquim e Bernardo pegaram em armas na defesa da ordem legal, recebendo de sua mãe influência decisiva, que me-
receu o registo de seu filho José

— o positivista — no seu livro

"Culto à Mulher".

Outra circunstância que revela as virtudes de Dona Ana Mariano de Oliveira: ela levava para a sua companhia os netos — filhos de seus filhos menos afortunados — e mandava educá-los. Haja vista alguns deles que disputavam posição no Exército, no funcionalismo público e na magistratura fluminense.

Em 1912 fui visitar Dona Ana Mariano de Oliveira, e supondo encontrá-la alta, ao modo de todos os seus filhos, via-a baixinha, parecendo com aquela cor morena distinta do Alberto e o sortido de Joaquim e Bernardo.

Disse-me ela: Adelia paga-me a casa, José paga-me o armazém e as outras despesas são distribuídas com os meus outros filhos.

Outra face dos Mariano de Oliveira: quando se aproximavam as festas de Ano Bom eles se transportavam de Madalena, Saquarema, Poco Novo do Cunha,

e até do Estado do Paraná, e vi-
nhiam todos reunir-se com a sua progenitora em Niterói, alugando os inesquecíveis bondinhos à tra-
ção animal, e saíndo com ela ao centro, a passeio pela cidade.

A família se compunha de 18 irmãos e dentre eles não há um só que não seja figura equilibrada; não há um ágiota, um lavrador, fazendeiro, comerciante ou construtor que foram as profissões de seu próprio pai. Todos são homens de letras. É difícil, senão difícil, o encontrar-se tamanhas coincidências em família tão numerosa.

Foram, sobretudo, uníssimos, chegando mesmo a elegerem há muitos anos sua irmã Amélia ar-
quivista da família.

O sr. Mário Leão informou no seu comentário que o filho João Ribeiro de Oliveira fora poeta satírico. E de fato o foi, visto naquele poema que Alberto escre-
veu para a família, ele enxertou alguns versos com referência ao irmão Saturnino.

Ei-los:

"Saturnino era tão bruno
E bravo que até Dona Nune
Vira taba salame
Uma de César se dizia.
Faria e Carpenha um dia
Para Cachoeira e rapaz".

E vem o próprio Alberto, em seguida:

"Casou, Casou novamente,
E é hoje tão diferente
Lembra um pouco o ar de Glicério,
Pés de galinha no rosto:
Possue de Major o posto
Usa cavagnac e é sério".

Ei-los:

"Saturnino era tão bruno
E bravo que até Dona Nune
Vira taba salame
Uma de César se dizia.
Faria e Carpenha um dia
Para Cachoeira e rapaz".

E com estas palavras encerro

uma homenagem que presto a uma grande família de minha terra e, quiçá, do Brasil, fornecendo elementos para o estudo da família Mariano de Oliveira.

NOTA SOBRE "O CONDE MORIN"

Em 1936, Le Lys Rouge associação fundada em Paris por um grupo de admiradores de Anatole France, distribuiu aos seus membros uma plaquette de 56 páginas e, 8º, artisticamente impressa, edição de poucos exemplares e não destinada ao comércio. Intitulava-se a brochura "O Conde Morin". Era uma pequena novela a Anatole France, não incluída por ele em nenhum de seus livros de contos, conquanto algumas de suas personagens já houvessem aparecido nas páginas de "Pierre Nozière". A tradução dessa novela foi oferecida a "Autores e Livros" por Fernando Nery (Fred Novais) secretário da Academia Brasileira de Letras, sócio de "Le Lys Rouge", de Paris, e um dos mais apaixonados "francófilos" que há no Brasil.

"O Conde Morin", na tradução de Fred Novais, foi publicado em nossa edição de 8 de novembro de 1941 1º v. pag. 267 e seq.

Como por um lado aquele número de "Autores e Livros" está completamente esgotado, e como, por outro lado, "O Conde Morin" constitui com efeito, uma das maiores saudades da bibliografia do editor francês, aqui reproduzimos, longe, muito além, responde em Icôpo Frio Um ponto de ouro e luz através do lar sombrio, — O brilhante farol que há em anos incinta —

Ao Corpo Expedicionário Brasileiro

Ouço os passos dos meus, transposto o grande mar.
Firmes, batendo em terra africana.

Os continentes já são um só. E a mais meiga bandeira americana Ao sol do deserto, em face da Europa, começa a acenar!

Morenos rapazes,

Irei convosco. Já não tardo senão um momento.
Será minha a vossa alegria; será meu vosso sofrimento;

Minhas serão também vossas ações audazes,

O que dormia em mim de mais justo e mais forte,
Desperta agora, ao vosso lado reclama vida.

— Morenos rapazes do Sul, morenos rapazes do Norte!

Convosco, na mesma longa marcha batida,

Convosco tenho também um encontro com a morte

No chão distante que espera o sangue da nossa ferida.

Lisboa, 1944.

RIBEIRO COUTO